

INFÂNCIA

Ano 1 - Número 1 | Recife, Abril de 2011

A Síndrome de Sindromização

Ana M^a Rocha, psicanalista do CPPL | anarocha@cppl.com.br

Perceberam que hoje em dia não ficamos mais cansados, irritados ou impacientes? Ficamos estressados. Se perdemos algo ou alguém importante para nós, ao invés de tristes, abatidos ou de luto, ficamos invariavelmente deprimidos ou, como se diz por aí, deprê. Não nos dizemos mais desconfiados ou cismados, mas noiados: com paranóia. Não podemos mais estar inseguros, receosos, medrosos; estamos sempre panicados. Nossas crianças não são mais ativas, peraltas, inquietas, buliçosas, maluvidas ou mal educadas: são todas hiperativas. Não somos mais escandalosos, dramáticos, emotivos ou descontrolados, temos sido todos histéricos. Esclareço onde quero chegar.

Penso que nessa forma aparentemente inofensiva de nos descrever, encontra-se perigosa adesão a um modo atualmente hegemônico de entender e transformar os fenômenos humanos singulares e contingentes, em fenômenos universais e generalizáveis, como se fôssemos seres produzidos em série: previsíveis, controláveis e facilmente classificáveis.

É sempre bom lembrar que classificações psicopatológicas são inventadas como qualquer outra: cria-se uma invariante, ou seja, uma norma ou referência. O que está fora dessa norma, passa a ser entendido como a-normal ou patológico. Temos esquecido amiúde que somos nós, seres humanos, contingentes e históricos, quem criamos essas normas ou convenções, adotadas num determinado contexto histórico e cultural. O que é entendido como a-normal hoje pode ser normal amanhã.

Quando reduzimos ingenuamente a descrição de nossa subjetividade a categorias psicopatológicas, estamos contribuindo de forma perigosa para que seja patologizado ou sindromizado não apenas o que foge à norma, mas também os sentimentos e comportamentos mais legítimos dos seres humanos. Estou exagerando? Pois citarei como exemplo a tal da Nomofobia, síndrome dos sem celular. Isso mesmo, não desligar ou sentir falta exagerada do celular, segundo alguns especialistas, pode ser sinal dessa nova doença que causa desconforto, angústia e até palpitações e que teria por base a ansiedade.

Ora, se é assim, vamos precisar de tantas síndromes quantas sejam nossas soluções para enfrentarmos as incertezas e os percalços da vida que produzem em nós mais ou menos ansiedade: síndrome dos sem medalhinha ou sem patuá, síndrome dos sem agenda, dos sem jornal, ou sem batom, pois, para diferentes pessoas, andar sempre com sua medalhinha, patuá, agenda, ou ter lido o jornal ao começar o dia, ou repassar o batom, os deixa mais tranquilos, confiantes e seguros.

Quais as consequências de se tomar como síndrome qualquer manifestação de ansiedade, mesmo para aqueles que nestas situações sofram exageradamente? Vejamos, uma síndrome é entendida como um conjunto de sinais ou sintomas, que isolados não têm relevância, mas reunidos são entendidos de forma diferente e enquadrados numa determinada classificação, terapêutica e prognóstico. Para esse grupo serão pensadas estratégias medicamentosas e terapêuticas universais, pois o que é bom para um, será bom para todos. Pesquisas nesse universo de seres humanos predirão até como se comportarão ou o que serão e farão de suas vidas. Assim, a terapêutica não mais será pensada para fulano, com seu jeito único de ser, de sentir e de sofrer, mas para alguém igual a milhares de outros humanos com a mesma síndrome, alguém des-subjetivado!

Alerta! Valorizar e manter o pluralismo explicativo na compreensão dos fenômenos humanos, bem como resgatar outras palavras para descrever o que sentimos, será por certo um bom antídoto contra a desenfreada síndrome de sindromização.

